

# **A RELAÇÃO TRANSFERENCIAL ENTRE PROFESSOR E ALUNO: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA PARA A EDUCAÇÃO**

## **THE TRANSFERENCE RELATIONSHIP BETWEEN TEACHER AND STUDENT: MOTION FOR INTERVENTION FOR EDUCATION PSYCHOANALYTIC**

<sup>1</sup>VICENTIN, S. M.; <sup>2</sup>SAGULA, F.

<sup>1 e 2</sup> Departamento Do Curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

### **RESUMO**

Existem várias teorias sobre e para a educação, neste trabalho apresenta-se a psicanálise como sendo uma teoria capaz de auxiliar o processo educativo utilizando-se de alguns conceitos psicanalíticos. Visto que a psicanálise é uma ciência complexa, não se trata de aplicá-la totalmente à educação, mas sim, entrar em contato com alguns conceitos teóricos que possam ajudar a educação a ter mais informação sobre a mente humana, para lidar com o sujeito. Frente a esta afirmação indaga-se: como a psicanálise pode auxiliar a educação? Quais as possibilidades de utilizar conhecimentos psicanalíticos no trabalho pedagógico? Um dos temas mais discutidos atualmente quando se pensa em educação escolar é a relação professor e aluno. Sendo assim, este trabalho tem como demanda os termos transferência e contratransferência como sendo um fenômeno existente na relação entre professor e aluno, baseando-se na importância dessa relação para o processo de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Relação Transferencial. Professor-Aluno. Educação. Psicanálise.

### **ABSTRACT**

There are several theories and education, this paper presents psychoanalysis as a theory able to assist the educational process using some psychoanalytic concepts. Since psychoanalysis is a complex science, it is not fully apply it to education, but rather, contact some theoretical concepts that can help education to have more information about the human mind to deal with the subject. Faced with this statement asks himself: how psychoanalysis can help education? What are the possibilities of using psychoanalytic knowledge in pedagogical work? One of the most discussed topics when thinking about education today is the relationship between teacher and student, so this work is to demand the terms transference and countertransference as something existing in the teacher and student.

**Keywords:** Transference Relationship. Teacher-Student. Education. Psychoanalysis.

### **INTRODUÇÃO**

Atualmente a educação tem sido fonte de vários estudos e pesquisas, isto devido a infindáveis questionamentos sobre o educar, o trabalho escolar, a metodologia, a atuação do professor, entre outros. Este fato é devido à preocupação existente com a instituição escolar que é tida como local do saber cujo objetivo é a formação de futuros cidadãos.

Este trabalho tem como objetivos conceituar os termos transferência e contratransferência em psicanálise e refletir sobre a relação transferencial entre professor e aluno em sala de aula e como este vínculo afetivo pode auxiliar no processo educativo. A metodologia utilizada para a realização deste trabalho é a pesquisa bibliográfica.

De início, o trabalho apresentará os conceitos de transferência e contratransferência em psicanálise, visto que esta definição embasará a compreensão dos pressupostos seguintes. Conseqüente, se abordará a relação transferencial entre professor e aluno, explicando o que é e como acontece o vínculo deste par educativo.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A metodologia utilizada em uma pesquisa científica é incumbida de expor os caminhos que serão percorridos durante tal pesquisa para que se possam alcançar os objetivos. Deve ser entendida como um conjunto composto por detalhes sobre os métodos e as técnicas que serão utilizadas durante a pesquisa (QUADROS, 2008).

Será utilizada neste trabalho a pesquisa bibliográfica, que conforme Andrade (2005 p.126) “tanto pode ser um trabalho independente como constituir-se no passo inicial de outra pesquisa, todo trabalho científico pressupõe uma pesquisa bibliográfica preliminar”.

Realiza-se a pesquisa bibliográfica, a qual busca embasar teoricamente o estudo, através de autores renomados nas áreas de psicanálise e na educação. Nesta tem-se como objetivo buscar referências que comprovem junto com Freud e sua teoria aspectos transferenciais em sala de aula, isto é, a relação entre professor e aluno.

Conforme Quadros (2008), o principal objetivo da pesquisa bibliográfica é o aprimoramento da idéias ou a descoberta de intuições, visto que seu planejamento é flexível, de maneira que possibilite considerações dos mais variados aspectos referentes ao tema estudado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Partindo dos escritos freudianos conceituar-se-á os termos transferência e contratransferência, apresentando o quanto estes conceitos estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, por meio da relação afetiva entre professor e aluno, tendo como apoio pressupostos de autores que embasados nestes termos psicanalíticos os quais visam explicar a relação pedagógica sob uma nova visão que faz uso de conhecimentos da psicanálise.

### **1 O Conceito de Transferência**

A primeira vez que Freud ([1905] 1996) usou o termo Transferência foi em suas

conferências sobre os sonhos, quando percebeu que os mesmos eram restos diurnos transferidos em imagens que não representavam o que realmente eram. Também, em seus artigos sobre hipnose, Freud ([1905] 1996) mencionava sobre a importância de uma boa relação entre o paciente e o médico (KUPFER, 1992).

Depois começou a notar que na relação entre o paciente e analista, um transferia na figura do outro, papéis de outros objetos importantes de sua vida, por exemplo, a figura do pai do paciente era transferida para a figura do analista ao longo do processo analítico. Ressaltando que o paciente não se dava conta dessa transferência, entende-se então, que a transferência é uma manifestação do Inconsciente (FREUD, [1905] 1996).

Morgado (2002, p. 70) apresenta que “Freud detectou o fenômeno psicológico da transferência a partir das dificuldades que encontrava em curar pacientes neuróticos”. Isto quer dizer que Freud ([1905] 1996) foi capaz de perceber que esses pacientes tinham uma predisposição psicológica para que o terapeuta exercesse sobre eles certa influência mental, não em um sentido sugestivo ou hipnótico, mas uma influência ligada a relação de ambos propriamente dita.

Contudo, a partir da análise do caso Dora, Freud ([1905] 1996) constata que o processo terapêutico tem influência direta com a relação transferencial entre paciente e terapeuta. Quando Dora rompe o tratamento, Freud ([1905] 1996) questiona-se o motivo do acontecimento, e após algum tempo de análise, percebe que não desempenhou o papel que o analista deve desempenhar, isto é, identificar o que o paciente está transferindo na pessoa do analista e depois interpretar tais dados para o paciente, para que dessa forma o paciente tome consciência dos acontecimentos do processo terapêutico.

Neste ponto, Freud ([1905] 1996, p. 111), congrega à sua técnica psicanalítica o termo ‘transferência’, definindo-o da seguinte maneira:

Reedições, reproduções das moções e fantasias que durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com características (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico [...]. Dito de uma outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico.

Morgado (2002) acrescenta que conforme denominado por Freud ([1905] 1996), o processo psicológico de transferência atualiza o protótipo da relação original,

isto é, o desejo inconsciente que a criança tem pelos seus pais. Explicitando este termo, conforme Laplanche e Pontalis (1983, p. 672), a relação original “é a relação do indivíduo com as figuras parentais que é revivida na transferência”.

Sendo assim, Morgado (2002, p. 68), define transferência dizendo que “trata-se, efetivamente, de transferir para a nova relação os sentimentos e as expectativas depositados em uma relação passada”, a atualização transferencial desse protótipo sofre influências das condições atuais da nova relação, mas não ocorre exatamente como a relação original, mas seja como for a relação atual sempre terá como ponto de partida a relação original.

Outra definição de transferência pode ser apresentada segundo Laplanche e Pontalis (1983, p. 669): “trata-se de uma repetição de protótipos infantis vivida com uma sensação de atualidade acentuada”. Para Cordioli (1998, p. 67), o conceito de transferência é: “O fenômeno de transferir para as pessoas e situações do presente, aspectos da vida psíquica ligados a pessoas e situações do passado”. Definindo assim, a transferência como um deslocamento para um objeto da atualidade de todos os impulsos, defesas, atitudes, sentimentos e respostas experimentados nas relações com os primeiros objetos de sua vida. A transferência é uma repetição de situações cujas origens se encontram no passado.

Conforme Freud ([1905] 1996), quando se adentra na teoria da técnica analítica, conclui-se que a transferência é indispensável à prática, e não há meio de evitá-la. Acrescenta ainda que de todas as artes do trabalho analítico, tais como: interpretação de sonhos; lembranças inconscientes; extrair pensamentos das associações; entre outras, a prática da transferência é a parte mais complexa do trabalho, algo que se tem que aperfeiçoar independentemente a partir de experiências privadas de cada analista.

Freud ([1905] 1996) diz que a transferência parecia predestinada a ser obstáculo, um empecilho para o processo psicanalítico, mas, acabou se tornando o mais poderoso aliado, isso se sua presença puder sempre ser detectada e explicada ao paciente. Nas palavras de Freud ([1905] 1996 p. 113): “Fui obrigado a falar da transferência porque somente através desse fator pude esclarecer as particularidades da análise de Dora”.

Com o decorrer das experiências, Freud ([1905] 1996) se deu conta de que a transferência poderia ocorrer em qualquer relação do sujeito ao longo de sua vida. Baseando-se nesta fala de Freud ([1905] 1996), afirma-se que na relação entre

professor e aluno ocorre a manifestação do inconsciente chamada transferência.

Ao definir o fenômeno transferencial como: “o conjunto de todas as formas pelas quais o paciente vivencia com a pessoa do psicanalista, na experiência emocional das relações analíticas todas as representações que tem do seu próprio self”, Zimerman (2008, p.127), afirma que o fenômeno transferencial está presente em todas as inter-relações humanas. Trazendo a ideia de que no contexto da sala de aula e na relação professor aluno, o fenômeno transferencial é um conjunto das maneiras que o aluno vivencia na pessoa do professor.

Antes de adentrar-se na questão transferencial existente na relação professor e aluno, é preciso mencionar um outro conceito psicanalítico que também se faz presente na relação pedagógica, a identificação.

Assim como o conceito de transferência, o conceito de identificação tem grande valor na obra freudiana. Conforme Freud ([1921] 1996) é um processo psicológico em que o sujeito se organiza a partir do modelo de outra pessoa. Freud ([1921] 1996, p. 133) descreve o conceito da seguinte maneira: “A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo”.

Por exemplo, quando um menino se apresenta com interesse especial pelo pai, isto é, quer ser como ele quando crescer, querendo até tomar seu lugar, pode-se dizer que ele toma o pai como seu ideal, há uma identificação desse menino com o pai (FREUD, [1921] 1996).

Segundo Morgado (2002), vale ressaltar que a identificação instala-se antes da relação com o objeto, isto quer dizer, antes mesmo da instalação do ego, sendo assim, instala-se antes da configuração do complexo de Édipo. Assim afirma Freud ([1923] 1996, p. 45) quando diz: “[...] trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto”, ou seja, a formação do ego é o resultado de identificações originais, das relações originais.

O processo de identificação resultará no Complexo de Édipo, que tendo como explicação simples sugere adotar um dos genitores como objetivo ideal e o outro como obstáculo e impedimento para a posse do objeto desejado. Quando a criança percebe a impossibilidade de se envolver física, afetiva e psicologicamente com seu objeto de desejo e realizar seus objetivos fantasiosos, ela busca outra saída.

Nas palavras de Freud ([1933] 1996 p. 82): “Se alguém perdeu um objeto ou foi obrigado a se desfazer dele, muitas vezes se recompensa disso identificando-se com

ele e restabelecendo-o novamente no ego [...]”. Vale ressaltar que o ego sempre busca harmonizar os interesses pulsionais do id com as exigências da realidade, e isso se constitui também a partir das identificações, sendo assim, conclui-se que o superego também é herdeiro das identificações. Morgado (2002, p. 47) afirma que “a instalação do superego é fruto de uma bem-sucedida identificação da criança com seus pais [...]”, ou seja, representará a internalização das regras que antes era realizada pelos pais.

Freud ([1933] 1996) acrescenta que no decorrer do desenvolvimento do superego, ele não assimila somente as influências dos pais, mas também de qualquer pessoa que tenha assumido um lugar de objeto ideal ou em que tenha ocorrido uma identificação, por exemplo, educadores e professores. Com o passar do tempo, o ego vai se afastando das figuras parentais originais, vai tornando-se mais impessoal, mas quando há identificação com outras figuras como um professor, por exemplo, a identificação com os pais na fase ulterior aparece novamente, acontecendo nesta relação a transferência.

Morgado (2002) acrescenta que o respeito e a afeição proveniente dessa primeira identificação, exprimem o sentimento da criança pelos pais quando ainda depende totalmente deles, essa dependência provém da submissão. A ternura e o respeito surgem da relação com a figura de autoridade, não somente na figura dos pais, mas também de professores.

Sendo assim, é possível que alguns alunos se identifiquem com seu professor, visto que ele é uma figura de autoridade que o aluno transfere para ele suas experiências das relações parentais. Seguindo essa ideia, admite-se que a personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983). Dentre essa série de identificações se faz presente a identificação com pessoa do professor.

## **2 O Conceito de Contratransferência**

O conceito de contratransferência desenvolveu-se ao mesmo tempo em que o conceito de transferência. Quando Freud ([1905] 1996) ainda fazia uso da hipnose, percebeu que os sintomas do paciente eram transferidos para o afeto com o médico, a partir daí desenvolveu o conceito de transferência, o qual já foi explanado anteriormente.

Depois disso, Freud ([1905] 1996) começou a perceber que o médico precisava

aceitar os sentimentos transferenciais do paciente, assim, o paciente revivia na relação terapêutica as situações de relações passadas, e nesta reedição das relações era possível perceber e analisar conteúdos inconscientes do paciente, mas, para isto o médico precisar estar preparado para enfrentar conteúdos inconscientes do paciente, sem emaranhar com suas questões (FREUD, [1905] 1996). Conforme Morgado (2002, p. 96): “Posição bastante difícil para o médico, pois, abrindo seu inconsciente à comunicação, emergiriam intensos sentimentos sensuais e hostis recalçados”.

Quando Freud ([1905] 1996) começou a perceber que a maneira do médico responder ou reagir aos sentimentos transferenciais do paciente também podiam influenciar o processo terapêutico, seja de forma positiva ou negativa, desenvolveu o conceito de contratransferência (FREUD, [1910] 1996).

“As reações inconscientes do analista à transferência do analisando recebem o nome de contratransferência” (MORGADO, 2002, p. 94). Assim também Laplanche e Pontalis (1983, p. 146) afirmam esse conceito como: “Conjunto de reações inconscientes do analista à pessoa do analisando e mais particularmente à transferência deste”, quer dizer, são reação que estão além do controle do analista, pois são inconscientes, reações essas que são respostas às relações vividas com o paciente no processo terapêutico, é a maneira como o analista vai responder a transferência que o paciente está atribuindo à relação terapêutica.

Vale ressaltar que a relação terapêutica é constituída justamente porque o analista não está imune à transferência do paciente. Conforme Morgado (2002, p. 95), a contratransferência “configura-se num campo transferencial fundado na comunicação do inconsciente”. Porém é preciso que o terapeuta se atente a maneira como recebe a transferência, pois, se resistir a isto a relação não se estabelece e o processo não é eficaz, para isso também, é imperativo que o analista tenha elaborado seus conflitos internos para que não se confundam com os conflitos do paciente.

Sobre a contratransferência, Freud ([1910] 1996) relata que é importante tomar ciência de que como resultado dos conteúdos trazidos pelo paciente, influenciarão nos sentimentos inconscientes do médico, por isso, é preciso reconhecer a contratransferência e aprender a dominá-la.

Freud ([1910] 1996, p. 154) cita:

Assim como o paciente deve relatar tudo o que sua auto-observação possa

detectar, e impedir todas as objeções lógicas e afetivas que procuram induzi-lo a fazer uma seleção dentre elas, também o médico deve colocar-se em posição de fazer uso de tudo o que lhe é dito para fins de interpretação e identificar o material inconsciente oculto, sem substituir sua própria censura [...].

Visto que o médico precisa estar atento para não responder ao paciente, quer dizer, não contratransferir seus conteúdos recalcados, por isso a condição essencial para o médico é submeter-se a uma análise pessoal (MORGADO, 2002). Deste modo, o conhecimento teórico da psique humana e da técnica analítica podem se aliar a contratransferência e utilizá-la como um forte instrumento de trabalho.

É importante enfatizar que a estrutura libidinal do analista também é ambivalente, quer dizer, é fixada nas etapas psicossociais infantis, como de qualquer outra pessoa, isto quer dizer que o analista pode reviver em relações atuais os mesmos conflitos que o paciente revive. Morgado (2002, p. 94), afirma que o analista “não é imune à transferência, que atinge sua psique”, ele assim como o paciente, revive os protótipos, reenvolve-se em conflitos, ecoa sobre seu próprio inconsciente o que acaba provocando verdadeiras reviravoltas internas.

Segundo Racker (1982) cada circunstância transferencial significa uma circunstância contratransferencial, que surge a partir da identificação do analista com os conteúdos internos do paciente, visto que a identificação transferencial pode ser positiva ou negativa, assim também como pode corresponder ou não a transferência do paciente, isto é, se o analista contratransferir o processo continuará, se não contratransferir pode ser que o processo terapêutico acabe ou estagne.

Em suma “o controle da transferência implica o controle da contratransferência, ou seja, para controlar a transferência do analisando, o analista precisa controlar sua própria contratransferência” (MORGADO, 2002, p. 95).

### **3 O Processo Transferencial e Contratransferencial na Relação Professor e Aluno**

A partir da ideia de Freud ([1905] 1996) que em qualquer relação há elementos transferenciais agindo, quer dizer, conteúdos inconscientes de ambas as partes que estão se comunicando o tempo todo, os conteúdos inconscientes se fazem presentes também na relação do professor com o aluno.

Segundo Morgado (2002, p. 31): “A psicanálise confere importância capital às primeiras relações de criança”, visto que estas serão protótipos para as demais



relações sociais. Considera-se então que a relação professor-aluno também segue o padrão estabelecido a partir da relação com os pais ou das relações originais.

Silva (2006) diz que a relação educacional vai implicar diretamente na relação do sujeito com o outro, isto porque há a presença do “outro em mim”, vai influenciar na maneira de agir e de pensar sobre “mim mesma” a partir do que penso do outro.

Clarifica-se em Morgado (2002, p.37), que: “A relação pedagógica – entre um que *tem o saber* e o outro que *não tem o saber* – imita ou reproduz a relação originária que é a própria relação de sedução: o aluno atualiza seus conflitos edípicos na sala de aula [...]”. Quando o aluno transfere para o professor a autoridade vivida com os pais nas relações originárias, quer dizer que o professor é o mestre que sabe, assim como os pais que eram a autoridade, a lei e a ordem.

Quando o professor ocupa o lugar da lei e da ordem, ocupa também o lugar do conhecimento, se tornando um ser onipotente, onisciente e onipresente, da mesma forma que foram os pais na infância, neste ponto sugere-se que o aluno transferiu para o professor e para o conhecimento e a relação com os objetos primários, no caso, os pais, por exemplo. Afirma Morgado (2002, p. 37): “[...] professor personifica o conhecimento, ocupando o lugar superegótico da lei e da ordem – da onipotência das figuras parentais introjetadas”.

Conforme Kupfer (2000), a transferência se dá quando o desejo de aprender do aluno se encontra com algum componente particular do professor, isto é, quando o aluno transfere para o professor e para a situação em sala de aula, algo que lhe traga sentido e lhe faça investir energia em aprender o que o professor está ensinando. Sendo assim, o professor adquire um poder, uma capacidade de influência sobre o aluno.

O professor precisa saber sua posição de ensinante e desejante com relação ao saber, para assim transmitir ao aluno, quer dizer o inconsciente do professor tende a estar objetivado a ensinar, somente assim ocorrerá à transferência. É importante também, o professor saber que para que a transferência aconteça é preciso que o aluno deposite nele a suposição do saber (KUPFER, 2000).

Tendo exposto sobre os processos transferenciais na relação pedagógica, faz necessário explicitar os processos contratransferências desta relação. Constata-se que com toda relação humana há transferência, porém, no caso do analista, assim também como o professor, esse papel é ocupado por alguém que não irá somente

transferir, mas também tende a contratransferir os afetos, isto é, dar uma resposta para o outro sobre os efeitos do vínculo.

Morgado (2002) diz que os vínculos transferenciais entre professor e aluno podem auxiliar ou obstaculizar o processo de ensino e aprendizagem, assim como acontece na relação terapeuta paciente no processo analítico.

Seguindo a ideia de Morgado (2002, p. 114) “A reação inconsciente do professor à transferência do aluno – contratransferência – completa o campo que possibilita o surgimento da relação”. Sendo assim, afirma-se que o professor não é isento da transferência do aluno, nem de seu amor, ternura, ódio, etc, frente a esses afetos, o professor pode tomar várias atitudes como, por exemplo, retribuir ou não tais afetos ou até mesmo fingir que não os percebe.

O professor também tem seu ego fundamentado em fixações em etapas psicosssexuais infantis, quer dizer que também se identificou com seus genitores e os transformou em modelos para seguir, logo passou pelo complexo de Édipo, assim também como seu superego foi introjetado por meio da autoridade parental, com isso, também pode reviver a relação original nas relações atuais por intermédio dos mesmos mecanismos que o aluno (MORGADO, 2002).

Ressaltando a partir de Racker (2006) que a contratransferência pode ser a totalidade das reações do analista em relação ao paciente, quer dizer, a contratransferência pode compreender as reações provenientes do inconsciente do analista, e no processo terapêutico acabam sendo projetadas no paciente, também tendo como base as relações da infância, o mesmo acontecerá com o professor em relação ao aluno.

Para Morgado (2002, p. 115), acontece que:

Na relação pedagógica, reedita seus protótipos reagindo contratransferencialmente à transferência do aluno. Retorna aos momentos conflitivos de seu passado, procedendo como se os sentimentos transferenciais do aluno se dessem exclusivamente à sua pessoa.

Nesse momento abre-se o campo de comunicação entre os inconscientes do professor e do aluno. Porém, é preciso ir além desta forma de comunicação, pois, o aluno para aprender tem que se libertar da transferência de energia para o professor e começar a transferir energias para o aprender, assim como o professor tem que romper a contratransferência para que as energias sejam fixadas no trabalho de

ensinar.

Morgado (2002, p.115) acredita que: “Para cumprir sua função de mediador entre o aluno e o conhecimento, o professor não deve corresponder aos intensos sentimentos transferenciais”, se isso acontecer a contratransferência do professor serviria apenas para reforçar a transferência do aluno, o que acabaria ocasionando em algo impróprio para a relação pedagógica, que se tornaria espaço para ambos reviverem suas fixações em relações anteriores.

É possível constatar a ideia afirmando que: “Para que o saber ocupe o centro da relação, o amor e o ódio devem ser substituídos pelo desejo de ensinar e pelo desejo de aprender” (MORGADO, 2002, p.116), sendo assim é preciso que o professor saiba fazer uso correto dos sentimentos contratransferenciais, isto é, não confundi-los com outro afeto relacional.

O campo transferencial ocasiona duas importantes consequências para como se pretende chegar aos objetivos da relação pedagógica. De um lado está o fato de que qualquer tipo de vínculo só é possível se for estabelecida à transferência por parte do aluno e a contratransferência por parte do professor, visto que se não fosse a herança emocional não haveria elementos psicológicos para o estabelecimento do vínculo. Por outro lado, essa herança psicológica ou emocional “dificulta e realização das tarefas pedagógicas, pois o professor e o aluno não se relacionam como pessoas reais” (MORGADO, 2002, p. 116), isto é, a relação acontece de forma idealizada a partir do que cada um tem dentro de si.

Se o professor reage contratransferencialmente ao amor ou ao ódio, está respondendo a suas próprias fixações infantis e também a fixação dos alunos, sendo que estes por sua vez, ocupam o lugar das figuras parentais de seu passado, e o professor ocupa o lugar das figuras prototípicas infantis do aluno, neste processo estão repetindo seu passado ao invés de extrair da nova relação sentidos e possibilidades.

Morgado (2002, p. 116), explica que:

O professor substitui sua função de mediador pela satisfação compulsiva de pulsões que deveriam estar sublimadas no trabalho intelectual, e o aluno substitui suas oportunidades de aprendizagem pela satisfação compulsiva de pulsões que deveriam estar sublimadas na curiosidade. A sedução parental suplanta a relação pedagógica.

O aluno também revive na relação com o professor o amor em que foi seduzido

a assimilar conforme as características do superego dos pais. Transferindo para o professor o amor e o temor a autoridade original, esperando que o professor responda como os pais no passado. O professor responde a esse momento da relação original quando contratransfere à transferência do aluno.

### CONCLUSÃO

Conclui-se que o campo transferencial inaugurado na relação pedagógica precisa ser superado ao longo do tempo, pois a relação entre professor e aluno têm que se sustentar em sua situação própria, e não baseada em afetos irrealis, Morgado (2002, p. 117) diz que: “[...] o professor trabalhará para que o aluno cresça intelectualmente e não para que se transforme em um filho ideal”, perante a isto, o aluno vai trabalhar para aprender baseando-se em sua curiosidade, não com objetivo de conquistar o amor do professor.

Constata-se então que é o campo transferencial que vai criar as condições psicológicas necessárias para que a relação entre professor e aluno se estabeleça.

### REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- CORDIOLI, A.V. **Psicologias: abordagens atuais**. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.
- FREUD, S. **As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica** (1910). In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XI. Rio de Janeiro, Imago. 2006.
- FREUD, S. **Conferência XXXI** (A dissecação da personalidade psíquica) (1933). In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XXII. Rio de Janeiro, Imago. 2006.
- FREUD, S. **O ego e o id** (1923). In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XIX. Rio de Janeiro, Imago. 2006.
- FREUD, S. **Psicologia de grupo e a análise do ego** (1921). In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. XVIII. Rio de Janeiro, Imago. 2006.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. VII. Rio de Janeiro, Imago. 2006.
- KUPFER, M. C. **Educação para o Futuro**: Psicanálise e educação, São Paulo, Escuta, 2000.

KUPFER, M. C. **Freud e a Educação**: O mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1992.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. **Vocabulário da Psicanálise**. 7.ed. Lisboa, Martins Fontes, 1983.

MORGADO, M. A. **Da sedução na relação pedagógica**: professor-aluno no embate com os afetos inconscientes. 3.ed. Summus, São Paulo, 2002.

QUADROS, M. B. **Projeto de pesquisa** (texto em reconstrução) UENP – Centro de Ciências Humanas e de Educação, Jacarezinho: 2008. [mimeo]

RACKER, H. **Estudos sobre técnica psicanalítica**. Porto Alegre: Editora Artes Médica, 1982.

SILVA, C. S. R. **A relação dinâmica transferencial entre professor-aluno no ensino**. Revista Ciências e Cognição 2006; Vol 08: 165-171. Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, Portugal, 2006.

ZIMERMAN, D. E. **Manual de técnica psicanalítica**: um re-visão. Porto Alegre: Artmed, 2008.